

ARTE NA ESCOLA: PARA ALÉM DO BELO E DO FEIO

ART IN THE SCHOOL: BEYOND THE
BEAUTY AND THE UGLY

Recebido em: 9 de março de 2020

Aprovado em: 22 de junho de 2020

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RCO | a. 12 | v. 3 | p. 124-144 | set./dez. 2020

DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v3i0.2218>

Sabrina Esmeris *sabrinaesmeris@gmail.com*

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil). Bolsista CAPES na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

Ernani Mügge *ernani@feevale.br*

Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil). Professor e pesquisador na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar resultados parciais de um projeto de dissertação desenvolvido no mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Em um primeiro momento, apresenta as motivações iniciais da pesquisa, emanadas de análises de questionários, aplicados em uma escola na região metropolitana de Porto Alegre, cujas respostas apontam que ainda sobrevivem concepções de arte influenciadas por valores gregos e renascentistas. Após, efetiva-se uma revisão histórica sobre as concepções de belo e feio da cultura ocidental, verificando suas relações com o campo da arte e com a esfera da Educação em Artes Visuais. Nesse processo, foca as visões de arte, de belo e feio que circulam no espaço escolar e investe na problematização desses conceitos. Os referenciais teóricos são constituídos por autores como Umberto Eco, Adolfo Sánchez Vásquez, Arthur C. Danto e Hegel, que contribuem para o entendimento das origens e transformações das relações entre arte e beleza e, também, das posteriores rupturas entre os dois conceitos. Entende-se que questionar “o que é arte” pode contribuir para a reflexão sobre o papel da disciplina de arte na escola, o que é possível por meio da experiência em sala de aula, aqui relatada, em diálogo com os autores selecionados para a pesquisa.

Palavras-chave: Arte. Belo. Cultura. Educação. Feio.

ABSTRACT

This paper aims to present partial results of a master's thesis project carried out at the Graduate Program in Processes and Cultural Manifestations, at Feevale University, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. At first, it presents some initial motivations of the study coming from the analysis of questionnaires applied at a school based in the metropolitan region of Porto Alegre, whose answers point to the fact that conceptions of art, influenced by Greek and Renaissance values, still exist. Subsequently, a historical review on the conceptions of the beauty and the ugly in Western culture is conducted, having in mind its relationship to the field of art and Visual Arts Education. In this process, our study focuses on the notions of art, beauty, and the ugly present in the school environment and invests in the problematization of these concepts. Our theoretical references include authors such as Umberto Eco, Adolfo Sanchez Vasquez, Arthur C. Danto, and Hegel. They contribute to the understanding of origins and changes of relationships between art and beauty and subsequent ruptures regarding these two concepts. We understand that questioning 'what is art' may contribute to the reflection on the role of art as a subject in the school, which is possible through the classroom experience here reported, in a dialogue with those authors.

Keywords: Art. Beauty. Culture. Education. Ugly.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho integra a intenção de pesquisa de meu projeto de dissertação, cuja execução ainda está em andamento, e iniciou com o propósito de um estudo das origens e transformações das concepções culturais de beleza e feiura ocidentais e seus impactos na maneira de pensar, ver e produzir arte. O primeiro passo consistiu em uma análise crítica e reflexiva sobre como essas concepções repercutem na Escola Básica, com base no posicionamento de que mudanças no modo de conceber e produzir arte acarretam transformações na forma de “ensinar e aprender” arte.

Ao desenvolver a etapa prática do projeto de dissertação, a qual ocorreu por meio de aplicação de questionários em escolas, percebeu-se que as visões dos alunos em relação à disciplina de arte ou à arte são diversas. O resultado refutou a hipótese inicial, baseada em uma experiência anterior, que apontava para uma predominância de concepções atreladas ao belo. Desse modo, o trabalho está se encaminhando para uma etapa que contempla os demais conceitos de arte e de disciplina de arte que surgiram nas pesquisas dentro das escolas. Para tal, estão sendo colocados em diálogo autores selecionados para o projeto, com o objetivo de refletir sobre o papel da disciplina de arte na escola. Por outro lado, o projeto não deixa de tratar da concepção de arte associada ao belo, a qual também surgiu nas respostas dos alunos. Este artigo, especificamente, trata das motivações iniciais que deram origem à pesquisa e que integrarão a dissertação, ou seja, a percepção de que há concepções de arte atreladas à ideia de belo e de feio, as quais são antigas e ainda circulam nas escolas. Desse modo, analisa-se as respostas de determinados alunos surgidas em questionários desenvolvidos enquanto eu ainda estava na Licenciatura em Artes Visuais, as quais apontam preocupações que aproximam a arte com a ideia de cópia e, também, de belo. Para isso, integram-se leituras e reflexões desenvolvidas a partir de referenciais teóricos que abordam os temas do belo e do feio na cultura ocidental, como as obras *História da beleza* e *História da feiura*, de Umberto Eco. A obra *Convite à estética*, de Adolfo Sánchez Vásquez, também é leitura importante, pois serve como embasamento para a escrita sobre as concepções de belo e feio desde a Antiguidade Clássica até os dias de hoje e seus diálogos com o campo da arte. *O abuso da beleza*, de Arthur C. Danto, é referência para as reflexões sobre a resignificação e/ou ruptura do belo na arte moderna e contemporânea. Por fim, tem-se Hegel com *Curso de estética: o belo na arte* para abordar as ideias de dom, talento ou vocação, as quais estão associadas ao pensamento que aproxima a arte da cópia e da beleza.

Em um primeiro momento, o artigo trata de uma experiência em uma escola na região metropolitana de Porto Alegre, onde atuei como bolsista e, posteriormente, como estagiária. Nessa escola, a principal atividade proposta aos alunos na disciplina de arte era o desenho. Percebi que, para eles, o desenho era, geralmente, associado à cópia do real, sofrendo julgamentos como “belo” ou “feio”.

Em seguida, apresenta-se uma revisão histórica das concepções de arte, para que seja possível entender de onde vieram os conceitos que interferem nas visões desses estudantes e como estes se transformaram e continuam se modificando através dos tempos, ainda que mantendo alguns valores.

Convém assinalar que, ao longo da dissertação, pretende-se analisar os resultados de questionários aplicados mais recentemente, com o intuito de refletir sobre “o que é a arte” e discutir sua importância e contribuições em sala de aula. Primeiramente, no entanto, faz-se necessária a etapa da pesquisa que associa uma experiência anterior em sala de aula com uma revisão histórica a partir dos conceitos surgidos entre os alunos da disciplina de arte da escola em pauta, a qual é trabalhada neste artigo.

2 DISPARADORES INICIAIS PARA UMA PESQUISA DE DISSERTAÇÃO

O interesse por desenvolver o presente trabalho se originou a partir de uma experiência que tive em uma escola pública na região metropolitana de Porto Alegre, na qual entrei por meio do Subprojeto PIBID Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹ e à qual retornei, mais tarde, para cumprir o estágio obrigatório de final de curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS. No PIBID, o público envolvido era o do Ensino Médio, e o estágio abarcou tanto o ensino fundamental quanto o médio. O desenho, naquela escola, era a principal modalidade de artes trabalhada com os alunos pela professora titular. Durante o período de observação das turmas, foi possível perceber certa preocupação, por parte dos alunos, em atingir “realismo” nos desenhos, ou seja, havia uma crença de que “desenho bom” significa desenho como “cópia do real”. Muitos deles inclusive se frustravam quando não conseguiam alcançar tal meta. Ainda, ao fazerem comparações entre suas produções, classificavam as mesmas em “desenhos bonitos” e “desenhos feios”. Além, era senso comum na turma que, para saber desenhar, era necessário ter um dom. Percebia-se que essa visão equivocada sobre a atividade fazia com que alguns alunos se desencantassem pela disciplina de arte. Um episódio, em especial, chamou minha atenção para a situação em pauta, ainda durante a atuação como pibidiana: havia uma aluna com a foto do Michael Jackson sobre sua classe, a qual ela utilizou como modelo para tentar fazer um desenho de observação de seu ídolo. A

¹ O PIBID é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, que oferece bolsas aos alunos dos cursos de licenciatura para atuarem nas escolas públicas, articulando educação superior e escolas de ensino básico e preparando os graduandos para a futura carreira como docentes. Tal união pode trazer melhorias no ensino nas escolas públicas de atuação do PIBID, cujo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) se encontra abaixo da média nacional (PORTAL MEC). No caso do Subprojeto PIBID Artes Visuais da UFRGS, o propósito era realizar atividades em escola de educação básica da rede pública, promovendo o desenvolvimento artístico em sala de aula e espaços de educação continuada e envolvendo a comunidade escolar.

menina iniciou a atividade com um sorriso no rosto, como se estivesse diante de uma imagem e de uma ação que lhe despertassem prazer. Entretanto, alguns minutos depois, ao perceber, com frustração, que seu desenho não condizia exatamente com a imagem que tinha em mãos, sua expressão mudou. Diante disso, ao término do período da disciplina de arte e, claramente chateada, rasgou a folha, amassou-a e a colocou no lixo. Depois, deixou a sala de aula em resmungos.

As percepções que apontam que, nas turmas, havia uma preocupação com o desenho como cópia e, igualmente, com o belo na arte, foram comprovadas pelos questionários respondidos pelos alunos tanto durante minha experiência no PIBID quanto no estágio, apesar de os documentos aplicados terem sido distintos em cada período, com perguntas diferenciadas. Não foi por acaso que escolhi trabalhar com o desenho contemporâneo com tais turmas, pois, desta forma, eu poderia apresentar outras visões de desenho, seja na forma ou no conceito e, ao mesmo tempo, pensar a arte para além do belo e do feio.

Ao final da minha atuação como pibidiana, apliquei questionários aos alunos, com o intuito de fazê-los avaliarem minhas aulas. Considero importante essa ação, visto que ela permite que os estudantes possam expressar suas opiniões, as quais, muitas vezes, são ignoradas. Além, é uma maneira de conhecer os alunos para (re)pensar suas necessidades em sala de aula. Nesse caso, é também uma forma de refletir sobre o papel da disciplina de arte na escola, visto que as respostas fornecidas nos questionários revelaram que muitos desses estudantes têm um histórico de aulas de artes semelhante ao meu e de pessoas de gerações anteriores, ou seja, aulas que focam em desenhos como cópias, em atividades para colorir uma imagem trazida pelo professor ou em construir objetos decorativos para a escola ou para datas festivas. São práticas que limitam o conceito de arte e a experiência com ela.

Ao serem questionados sobre como foram as atividades desenvolvidas por meio do Subprojeto PIBID Artes Visuais, as quais envolveram práticas de desconstrução do desenho tradicional e aulas teóricas auxiliadas por vídeos, os estudantes responderam que foram “aulas diferentes” e que puderam utilizar outros materiais além da canetinha e do lápis de cor. Além disso, foi possível ampliar o conceito de arte para além das formas tradicionais já conhecidas, como desenho, pintura e escultura. Ainda, muitos alunos conseguiram perceber que o desenho não tem uma “forma correta” e, sim, uma infinidade de formas possíveis e maneiras de fazê-lo, com a utilização de outros materiais além do lápis e do papel, como linhas e barbantes, que podem ser usados para fazer um desenho tridimensional no pátio da escola. Por fim, foi compreendido, por eles, que o belo pode ser uma opção na arte, e não uma obrigação.

Apresento, agora, para fins de comprovação, alguns dos apontamentos feitos pelos alunos (Figuras de 1 a 6):

Figuras 1 e 2 – Digitalizações dos questionários respondidos pelos alunos

1- Comente como foram as Atividades de Artes no Pibid, nos últimos meses? gostei muito e aprendi coisas novas muito importante que talvez eu não aprendesse apenas gostaria que tivessem mais atividades do Pibid na aulas de artes.

2- como você observou as atividades de descontração do Desenho comparadas as outras atividades que você conhece? Na descontração do Desenho ela quis mostrar que o Desenho não tem forma correta.

3- você assistiu vídeos e Diversas informações sobre Arte, comente? Ela quis mostrar as informações que são importante que para ela são importante e a parte do vídeos foi legal porque o vídeo mostrou que tem o Belo e o feio e a maioria foram de desenho e outros foram de artes.

1) Foram bem interessantes e construtivas, a Sabrina fez várias atividades legais e diferentes.

2) Foi uma atividade diferente e ao mesmo tempo interessante, geralmente os desenhos não todos iguais, mas as ideias e trabalhos da Sabrina me fizeram perceber que dá pra fazer algo bem "maluco" porém interessante.

3) Os vídeos me ajudaram a perceber que existem vários tipos de arte, e não somente desenhos, pinturas e esculturas.

Fonte: Arquivo da autora

Figura 3 – Digitalizações dos questionários respondidos pelos alunos

1) Comente como foram as atividades de volta do Pibis, nas últimas aulas.

Fazem aulas diferentes, desenvolvemos várias atividades e aprendizados, formas e jeitos de fazer, foram bem legais.

2) Como você observou as atividades de "rescans-tuções" do desenho "comparadas as outras atividades que você conhecia?

É que antes nos usava mais contênta e lapis de cor, e meus trabalhos diferentes, usamos cores, linhas, e tinta vidros também, foi algo bem desenvolvido e me mostrou que a arte pode ser feita de várias maneiras.

3) Você possui ideias e diversas informações sobre a arte. Comente.

Sim, conheço coisas que não imagino aprender sobre a arte, artes é vidros, pinturas a onde o homem e os seres não sabemos que ali é uma arte.

Fonte: Arquivo da autora

Figuras 4 e 5 – Digitalizações dos questionários respondidos pelos alunos

Comente como foram as atividades de artes do PiBid, nas últimas aulas:
 Eu achei bem divertidas, diferentes, legal por que é umas atividades bem legais que não são muito praticadas pelas aulas de artes, eu adorei e alias os professores são bem queridos.

2) Como você observa as atividades de "deconstrução do desenho" comparadas as outras atividades de você conhecia? Eu achei bem interessante, bom em primeiro por que são formas diferentes da arte que nós nem conheciam, muitas pessoas pensam que a arte é só beleza, bem feitas delicadas, mas a arte existe de várias formas, desenhos bonitos, feios, delicados e destruído de tudo que você expressa sente e desenha é arte.

3) Você assistiu vídeos e diversas informações sobre arte comente. Bem legais, formas de conhecer a arte diferente, artistas diferentes, formatos desenhos eu gostei.

1) Comente Como foram as atividade de artes do PiBid, nas últimas aulas. Eu adorei muito porque ela falou que na arte não precisa ser feio ou belo para ser arte, e gostei das atividades que ela nos passou

Fonte: Arquivo da autora

Figura 6 – Digitalizações dos questionários respondidos pelos alunos

② Como voce observou as atividades de "Desconstrução do Desenho" comparadas as outras atividades que voce conhece? Eu gostei das atividades e foi muito diferente das aulas que eu ja tive, porque esse ano aprendi muito mais com o Pibid do que em outras aulas que eu nunca tive.

③ Você assistiu videos e diversas informações sobre arte, comente. Vi videos sobre arte, sobre o Trabalho de que a Professora Sabrina nos mostrou que ela faz na faculdade. Eu aprendi, tambem que arte não é só desenho e sim tambem textos e atividades praticas na pratica.

Fonte: Arquivo da autora

No ano seguinte à experiência relatada, continuei trabalhando com desenho contemporâneo no estágio obrigatório da Licenciatura em Artes Visuais, porém, visando a qualificação do processo, tendo por base minha experiência anterior. Além, as atividades foram transformadas e adaptadas para as novas turmas e para as necessidades do estágio obrigatório. Assim, a primeira aula já iniciou com um questionário, o qual era focado em perguntas voltadas para a familiaridade que os alunos tinham com a prática e para o conceito de desenho. Dentre as diferentes visões que surgiram sobre desenho, surpreendeu-me como ainda circula a ideia que ele (arte) deve estar relacionado ao realismo, ao talento e à manifestação do belo. São noções antigas que, embora não precisem ser abandonadas, podem e devem ser melhor debatidas. Algumas das respostas repercutiram diretamente esse ponto de vista; outras, indiretamente, quando alunos afirmaram, por exemplo, que desenho serve para enfeitar os lugares, ou quando relataram que se esforçam para "desenhar da maneira certa", que "não sabem desenhar", que

desenho tem a ver com vocação ou dom, que não desenham porque sempre “fica feio”, que o desenho deve agradar alguém ou deve servir para a nossa admiração.

Como feito anteriormente, apresento alguns desses apontamentos, para fins de comprovação (Figuras de 7 a 23):

Figuras 7, 8, 9, 10, 11 e 12 – Digitalizações dos questionários respondidos pelos alunos

2. VOCÊ ACREDITA SABER DESENHAR? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA: NÃO. PORQUE MEUS DESENHOS SÃO ORRINHOS

2) NÃO muito, até porque eu não sei desenhar muito.

2. Acho que sim. Pois eu sempre gostei bastante de desenhar, mas nunca gostei dos meus desenhos pois sempre achei eles muito feios ou esquisitos, por isso não desenho muito.

2. Sei desenhar mas não perfeitamente, normalmente copio de desenhos que acho na internet. Mas não sou criativa para fazer desenhos próprios

2. VOCÊ ACREDITA SABER DESENHAR? NÃO JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA: NÃO TENHO O DOM

2. Não, eu nunca gostei muito de desenhar, pois não gosto dos meus próprios desenhos.

Fonte: Arquivo da autora

Figuras 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 – Digitalizações dos questionários respondidos pelos alunos

2) Você acredita saber desenhar? Justifique.
Desenhar eu sei mais ou menos, tento desenhar as vezes sai um desenho horrível mais daí pinto fica bom até, faço o possível para saber desenhar da maneira certa.

2- Você acredita saber desenhar? Justifique.
Sim, porque eu já fiz alguns desenhos e vi que eu tenho talentos em desenhar

0 QUE É DESENHO PARA VOCÊ? É UMA ARTE PARA VER O QUANTO TALENTOSO VOCÊ É NOS SEUS DESENHOS OU QUANDO SE RELACIONA A ARTE

4- O que é desenho para você?
Desenho para mim é uma arte de arte que a gente usa para confeitar as coisas.

5- O que mais atrai você em um desenho?
O que me atrai no desenho é o desafio de tentar fazer de igual ao original.

7 = PARA QUE SERVE UM DESENHO? PARA DEIXAR AS
COISAS MAIS BONITAS, PARA PASSAR O TEMPO, ETC

7 - PARA QUE SERVE UM DESENHO?
PARA ADMIRAR

Fonte: Arquivo da autora

Figuras 20, 21, 22 e 23 – Digitalizações dos questionários respondidos pelos alunos

PARA QUE SERVE O DESENHO? É PARA AS PESSOAS SENTIREM INVEJA DE SEUS
DESENHOS E NÃO DESENHANDO UM MELHOR DO QUE
O OUTRO ATÉ ALLANFAR O TOP 1 DESENHO MAIS
LINDO DO MUNDO.

7. Para que serve um desenho? Pra mim é
relatar um momento, um lugar bonito que
tenha visto.

8. Você gosta de desenhar? Justifique?
não gosto muito, por eu não saber
desenhar mesmo.

8. Você gosta de desenhar? Justifique
Mais ou menos, porque não sei desenhar
e também não acho que era a minha vocação

Fonte: Arquivo da autora

Se a arte está limitada ao dom, ao belo e à “imitação do real”, pergunto: para que arte na escola? É possível notar, por meio das respostas, que existem alunos que não desenham ou que não gostam de desenhar e, até mesmo, não se identificam com a disciplina de arte porque acreditam que não têm o talento necessário e que tudo o que fazem “fica horrível”. Sabe-se que a disciplina de arte pode criar um universo muito mais amplo que o comumente apresentado. As visões expressas por esses alunos não são específicas deles: elas podem ser encontradas inclusive em outros países, os quais igualmente sofreram influências eurocêntricas do conceito de arte.²

Críticos, filósofos e demais estudiosos que direcionam suas pesquisas ao campo da arte, encontram, na Grécia Antiga, as origens das preocupações levantadas nesta seção.

3 O BELO E O FEIO NA ARTE: BREVES NOÇÕES HISTÓRICAS

O objetivo desta seção não é apresentar como são, exatamente, as formas da representação ou manifestação do belo na arte em diferentes séculos. A intenção é apontar a preocupação constante do ser humano ao longo da história da cultura ocidental, em relacionar a arte com a beleza, independentemente de sua forma ou conceito. Mais adiante, discute-se como essa relação deixou de ser tão estreita e como, por consequência, o conceito de arte se tornou mais complexo.

Eco (2004) ocupa-se em abordar o conceito de beleza da cultura ocidental em *História da Beleza*. Para ele, há diversos conceitos de beleza que entram em conflito em diferentes épocas e, até mesmo, em uma mesma cultura. Esse movimento, entretanto, não impede que a ideia de beleza tenha conservado, até os dias de hoje, características constantes. Aquilo que é belo, frequentemente está relacionado a algo que agrada aos seres humanos, de maneira que é possível encontrar um laço entre o belo e o bom em diversas épocas históricas. Assim, aquilo que é visto como belo varia de acordo com a época e a cultura. Todavia, “devemos fazer um esforço para ver como diferentes modelos de Beleza coexistem em uma mesma época e como outros se remetem mutuamente através de épocas diversas.” (ECO, 2004, p. 14).

Para Eco (2004), uma percepção mais clara do belo estético, na Grécia Antiga, formou-se no período de ascensão de Atenas como potência militar, econômica e cultural. Na escultura, objetivou-se expressar a beleza viva do corpo, buscando uma beleza ideal, em harmonia com corpo e alma, ou seja, unindo a beleza das formas e da bondade. Em relação a isso, Vázquez (1999) afirma que a Grécia clássica viveu sob

² Assinale-se, entretanto, que, nas sociedades não ocidentais, “existiram tradições artísticas inteiras nas quais a beleza nunca foi a questão central.” (DANTO, 2018, p. 48).

o império do belo, e que o feio dificilmente cabia na arte desse período e, quando era forçado a aparecer, era representado de forma idealizada. Era uma contradição para o grego admitir o feio na arte, visto que ela devia ser bela.

Já na Idade Média, belos eram os produtos que serviam a Deus, sendo a beleza terrena compreendida como limitada, transitória e relativa. Desse modo, surgiram, na arte medieval, imagens de cadáveres, monstros, doentes inválidos e velhos decrépitos, com o objetivo de lembrar que a natureza desse mundo é precária e transitória, portanto, uma beleza enganosa. A verdadeira beleza era a beleza divina (VÁZQUEZ, 1999). No Renascimento, por sua vez, era importante a representação em perspectiva, sendo esta considerada bela e agradável à vista. Para alcançar esse propósito, os artistas se valiam de regras matemáticas específicas daquela cultura e daquele período (ECO, 2004). Com isso, a beleza perdeu a relação com o divino, e os artistas, então, criaram imagens belas com inspiração na natureza e no ser humano e “quando deparam com uma realidade que não é bela por si mesma procuram embelezá-la ao representá-la, embora isso implique desrealizá-la ou idealizá-la.” (VÁZQUEZ, 1999, p. 196).

Entre os séculos XV e XVI, a beleza foi entendida como imitação da natureza e como contemplação de um grau de perfeição sobrenatural, sendo o artista um criador e, ao mesmo tempo, um imitador. Nesse caso, havia uma obediência “a um ponto de vista subjetivo do observador, que, em um certo sentido, acrescenta a Beleza contemplada pelo sujeito à exatidão do objeto.” (ECO, 2004, p. 180).

No senso comum, desde a antiguidade, o belo sempre está relacionado à proporção, que é acompanhada pela harmonia, pela ordem e pela simetria; esta, presente em toda a arte grega e um padrão da beleza da Grécia clássica (ECO, 2004). Um objeto harmônico, proporcional e equilibrado provoca uma contemplação serena. Esse conceito de belo da Antiguidade grega é retomado no Renascimento e, ainda, adotado na época moderna (VÁZQUEZ, 1999). Beleza e proporção parecem ter sido discutidas em todos os séculos, mesmo que a concepção de ambas tenha se transformado em cada época. No decorrer dos tempos, existiram diversas ideias dessas qualidades, visto que “a proporção entendida pelos primeiros escultores gregos não era a mesma de Policleto, as proporções musicais em que pensava Pitágoras não eram as mesmas em que pensavam os medievais, pois diversa era a música que estes consideravam agradável.” (ECO, 2004, p. 94). Tal visão não impede, por exemplo, que surja um gosto pelo irregular, como ocorreu na metade do século XVIII, quando a ruína é apreciada pela incompletude e pelos sinais que o tempo deixa nelas: na vegetação, nos musgos, nas fissuras. Anteriormente, o Renascimento se interessou pelas ruínas da antiguidade grega pelo fato de, por meio delas, ser possível imaginar a forma acabada das obras originais (ECO, 2004).

As obras de arte refletem a cultura de uma sociedade e o período histórico a que pertencem. Quando ocorre um fato que modifica a ideia de identidade dos sujeitos, modificam-se, também, os sistemas de perspectiva nas pinturas, por exemplo. Nesse sentido, uma crise do saber pode levar à busca de uma beleza cada vez mais complexa, o que é o caso do Barroco. Esse movimento artístico foi impactado pela descoberta de que o ser humano não é o centro do universo, conquista alcançada graças ao avanço das ciências físicas e astronômicas. É por isso que há, nesse momento, “uma expressão dessa dramatização da vida, estreitamente ligada à busca de novas expressões da beleza; o estupefaciente, o surpreendente, o aparentemente desproporcionado.” (ECO, 2004, p. 228). Segundo Eco (2004), os estudos de Copérnico e Kepler dizem que os corpos, no firmamento, remetem um ao outro em relações cada vez mais complexas. Assim, uma beleza dramaticamente tensa toma o lugar de uma que, até então, no período clássico, era imóvel e inanimada. São os reflexos das descobertas dos cientistas que desdobram todo o universo, levando à complexidade, visto que as leis celestes não são mais simples harmonias clássicas.

Abordou-se, até o momento, a predileção pelo belo na arte, ao longo da história. Por outro lado, o próprio Eco (2007) reconhece que as manifestações do feio através dos séculos são mais ricas e imprevisíveis do que normalmente se pensa. Para o autor, em geral, a imagem que se tem do mundo grego é estereotipada. Essa visão teria sido criada no período neoclássico, quando se idealizou os antigos, ignorando que eles também trabalharam com imagens de seres desproporcionados. Eco observa que os gregos também se interessavam pela feiura e pela maldade:

Na cultura grega restam, porém, as zonas subterrâneas onde são praticados os Mistérios e os heróis (como Ulisses e Enéas) aventuram-se nas névoas sinistras do Hades, do qual Hesíodo já nos contava os horrores. A mitologia clássica é um catálogo de inenarráveis crueldades: Saturno devora os próprios filhos; Medéia os massacra para vingar-se do marido infiel; Tântalo cozinha o filho Pélops e serve sua carne aos deuses para desafiar sua perspicácia; Agamemnon não hesita em sacrificar sua filha Ifigênia para agradar aos deuses; Atreu oferece a Tiestes a carne de seus filhos; Egisto mata Agamemnon para roubar-lhe a esposa Clitemnestra, que será morta por seu filho Orestes; Édipo, embora não o soubesse, comete tanto parricídio, quanto incesto... É um mundo dominado pelo mal, no qual as criaturas, mesmo as belíssimas, realizam ações “feiramente” atroz. (ECO, 2007, p. 34).

Segundo Eco (2007), nesse universo criado pelos gregos, vagam seres híbridos e, por isso, assustadores e odiosos. Um exemplo disso são as sereias, compostas, na parte inferior do corpo, por asas e patas de aves de rapina. Esses seres foram pintados em vasos, recuperando a história de *Ulisses e as sereias*. Adiante, na Idade Média madura, a representação da crucificação celebrou, por meio do sofrimento, a humanidade de Cristo. Essa celebração do divino por meio da dor e da feiura “encorajou outros tipos

de feiura exasperada para fins moralistas e devocionais, das imagens da morte, do inferno, do diabo e do pecado àquelas do sofrimento dos mártires.” (ECO, 2007, p. 52). Parece, então, uma busca pelo belo por meio do feio. Vázquez (1999) lembra que, no Renascimento, período em que também “reina o império da beleza”, Leonardo da Vinci desenhou caricaturas de pessoas disformes ou com expressões feias em seus rostos. Segundo esse autor, o feio entrou na arte, de fato, apenas no século XVII, quando apareceu com seu próprio ser ou com sua realidade própria, sem se converter em seu oposto. Surgiram, então, conforme o que se considerava feio na época, imagens de bufões, mostrengos, mendigos, idiotas, etc. Desse modo, a pintura expressou um outro ângulo da relação do ser humano com o mundo: “uma relação tensa, purulenta ou desgarrada que não pode ser expressa com a serenidade e o equilíbrio emocional do belo.” (VÁZQUEZ, 1999, p. 222). Como a história não é linear, o século seguinte se apresentou preso à estética renascentista ou neoclássica e não aceitou o terreno conquistado para o feio: “até que Goya e o romantismo sacudam fortemente seus alicerces. O feio irrompe de novo, e agora não diminuirá seu ímpeto até adquirir *status* de cidadania estética com a arte contemporânea.” (VÁZQUEZ, 1999, p. 222).

Vázquez (1999) defende que a arte não pode permanecer limitada ao modelo clássico, que dominou a cena artística no Ocidente por mais de vinte séculos, com seus princípios de harmonia, proporção, simetria e medida. O belo é apenas uma forma histórica, assim como a arte como imitação ou reprodução do real é apenas um modo, dentre outros, de produzir arte. Ainda, a função estética nem sempre foi considerada dominante e exclusiva na arte. Diante disso, é possível perguntar se os conceitos clássicos ainda influenciam a arte dos dias de hoje. Para Vázquez (1999, p. 198), “podemos dizer, sem rodeios, que apesar dos ataques de que foi vítima o belo não desapareceu do cenário estético e que inclusive subsiste – embora não reconhecido explicitamente – com certo pano de fundo clássico ou classicista.” Para o autor, existe um “senso comum estético” que vem desde o Renascimento e sobrevive ainda hoje.

Na seção anterior, foi levantada uma preocupação dos alunos de uma escola da região metropolitana de Porto Alegre com o belo e a arte como representação do real. Compreende-se ainda melhor tal inquietação quando se descobre que tais conceitos gregos e renascentistas recentemente discutidos foram trazidos para o Brasil em 1816 pela Missão Francesa por meio do estilo neoclássico (MARTINS, 1992). São valores que foram aplicados ao ensino e influenciaram as aulas de artes do país com práticas que privilegiam cópias de modelos, habilidades técnicas e representação do belo. Isso justifica o nome da escola construída, no Brasil, por esses franceses: Academia de Belas Artes.

Falou-se das relações entre beleza e arte e de arte como “representação do real” para entender certas preocupações de determinados estudantes, porém faltou uma questão por eles levantada: a ideia

de dom, talento ou vocação. Foi necessário recorrer à Hegel para tentar encontrar uma resposta que pudesse justificar essa atenção a uma suposta “habilidade inata”.

Hegel (2009) assinala que a produção de obras de arte não deve estar submetida somente ao cumprimento de regras, pois a arte é uma atividade que envolve o espírito e, portanto, não se constitui em um produto puramente mecânico. Para ele, a obra de arte é uma criação do gênio e do talento. É necessário que a atividade artística, para ser eficaz e criadora, seja fruto do inconsciente; a intervenção da consciência prejudica a perfeição das obras. Assim, é a inspiração que guia a produção artística. O gênio pode alcançar esse estado de inspiração por vontade própria ou não. Essa visão sobre o fazer artístico prevaleceu durante o período chamado da genialidade, iniciado na Alemanha por meio das obras de Goethe e de Schiller. Gênio e talento são, então, dons naturais. Apesar disso, para o gênio ser fecundo, é necessário um pensamento disciplinado e cultivado por um exercício que leva tempo, visto que a obra de arte também exige uma técnica que só é atingida pelo exercício. Ainda, há um meio infinitamente superior que manifesta o divino na arte; então, a obra de arte não é uma criação unicamente humana: “a ação de Deus no homem é mais conforme à verdade do que o domínio da naturalidade pura e simples.” (HEGEL, 2009, p. 50). Segundo o autor, se o talento artístico é, em parte, natural, manifesta-se cedo por meio de uma destreza técnica que aponta um sinal precoce de uma predisposição natural. Para ele, “a arte exige sempre, e em todos os casos, longos estudos, constante aplicação, muito grande saber; mas, quanto mais ricos e vastos forem o talento e o gênio, menos esforços se terão de fazer para adquirir a facilidade de que a produção carece.” (HEGEL, 2009, p. 321).

É possível perceber que Hegel não traz uma posição extrema em relação ao assunto: ele afirma que uma obra de arte não depende apenas do dom e da inspiração do gênio, mas, também, de estudo, tempo, dedicação e trabalho.

Atualmente, é possível perceber, entre artistas, estudantes e professores de artes, opiniões que se dividem em relação ao fazer artístico. Por um lado, há visões que defendem que é totalmente incabível considerar o artista um gênio, dotado de um dom e iluminado pela inspiração. Esse posicionamento é, inclusive, para muitos artistas, uma ofensa. O argumento é de que, se ser artista é uma profissão, há investimento de dinheiro, de tempo, de estudo, de dedicação e de muito trabalho. Sendo assim, dizer que ele tem “talento” é desconsiderar tudo isso. Independente se tais qualidades existem ou não, a conclusão a que se pretende chegar é, na verdade, a de que um aluno de uma escola básica não precisa se preocupar em ter um dom ou talento. A disciplina de arte na escola, atualmente, não faria sentido se essa fosse a exigência.

Essas inquietações são compreensíveis quando se percebe que, até o início do século XX, o belo significava excelência artística e era a razão maior da arte. Entretanto, muitas mudanças ocorreram desde então, e o belo, na arte, tem passado por outras fases: ora condenado, ora considerado. Por meio de Danto (2018), é possível compreender essa revolução contra a beleza, levada a cabo pelos modernistas:

Se não fosse, por exemplo, a vanguarda artística do século XX, é quase certo que os filósofos continuariam a ensinar que a relação entre arte e beleza é conceitualmente estreita. Foi necessária a energia da vanguarda artística para abrir, entre a arte e a beleza, uma brecha que anteriormente seria impensável – e, como veremos, permaneceu impensável bem depois de ter sido aberta, em grande medida porque a relação entre arte e beleza era considerada detentora da força de uma necessidade a *priori*. (DANTO, 2018, p. 32).

Como exemplo dessa vanguarda, o autor cita o Dadaísmo, movimento artístico que se revoltou diante de nações que se diziam civilizadas, mas protagonizavam uma guerra selvagem e prolongada, como foi a primeira guerra mundial. Não podia ser aceito que uma sociedade fosse tão violenta, essa que tanto prezava a beleza, elevando-a à condição de um valor estimado, e que considerava, inclusive, a arte por ela ser bela. O resultado da indignação foi uma arte que não pretendia atrair e, sim, fazer gritar. Para Danto,

A arte dadaísta era veementemente efêmera – cartazes, sobrecapas de livros, caligramas, panfletos, recitações –, como esperaríamos de um movimento composto tanto por poetas quanto por artistas plásticos. Essas coisas efêmeras, em sua própria efemeridade, eram o que Tzara celebrava como “meios de combate”. Uma exposição de arte dadaísta poderia consistir em pedaços de papel, instantâneos amarelados e uns poucos esboços do Café Voltaire, de Zurique, onde tudo começou. O Dadaísmo recusa-se a ser considerado belo – e essa é a sua grande significação filosófica quando consideramos a narrativa consoladora segundo a qual, com a passagem do tempo, o que era rejeitado como arte por não ser belo acaba se tornando credenciado como belo e reivindicado como arte. (DANTO, 2018, p. 53).

Danto (2018) aponta que Marcel Duchamp é o artista que mais se destacou no trabalho de dissociar a estética da arte por meio dos *ready-mades*³, entre 1915 e 1917. Na busca por encontrar objetos sem nenhuma qualidade estética, o artista valeu-se de um simples pente de metal, considerado o mais

³ O termo é criado por Marcel Duchamp (1887-1968) para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados (museus e galerias). (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL).

aestético de todos os seus *ready-mades*. Um objeto como esse não é nem belo e nem feio, mas funciona tão bem como qualquer outro pente. Diante disso, é válido lembrar que a beleza ou a feiura não está no objeto em si, mas na relação que o indivíduo estabelece com ele, o que está de acordo com sua bagagem cultural. Outro trabalho de Duchamp é o urinol, que recebeu o título de *Fonte* e, segundo o conceito de *ready-made*, o objeto foi retirado de sua função utilitária e inserido em um novo contexto, no caso, em uma exposição de arte, para ser criado um outro pensamento em relação a ele. Mesmo que o urinol seja considerado belo, a obra não foi elaborada com essa intenção. Assim, o mesmo urinol pode ser belo dentro de uma casa, mas não necessariamente em uma exposição de arte, espaço no qual ele adquire uma outra posição. Para Danto (2018, p. 110), Duchamp é “o artista que buscou sobretudo produzir uma arte sem estética e substituir o sensorial pelo intelectual.” Ainda, o autor enriquece a ideia, afirmando que “a beleza faz parte da experiência da arte. No entanto, a experiência é decididamente mais rica do que o ‘estremecimento retidiano’ contestado por Duchamp, não porque ele seja algo de se envergonhar, mas porque há mais na arte do que excitações óticas.” (DANTO, 2018, p. 111).

A partir do exposto, é possível compreender que uma boa arte não precisa mais ser bela, assim como não precisa ser “imitativa” ou “cópia do real”. Parece, então, que, agora, a beleza é uma opção do artista, e não mais uma obrigação, pois “o conteúdo constitui uma condição necessária para a arte.” (DANTO, 2018, p. 138). Assim, fica perceptível que a arte pode apresentar outros aspectos além do belo e do feio, como questões sociais, psicológicas, filosóficas, morais, históricas, religiosas e políticas, e ser, até mesmo, um instrumento de conhecimento. Além, ela pode propor uma crítica ou uma experiência, sendo uma forma de se relacionar consigo mesmo, com o *outro* e com esse mundo que apresenta facetas tão diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de arte, de belo e feio varia conforme a época e de acordo com as diferentes culturas. O presente trabalho, ao abordar, brevemente, tais concepções, em diferentes períodos históricos, aponta que elas se encontram em constante estado de transformação, de modificação e de (re)construção. Percebe-se, assim, que não existe uma verdade absoluta ou uma teoria universal sobre essas concepções, o que permite que novas histórias da arte ainda sejam escritas.

Nessa corrente, defende-se que mudanças no modo de conceber e produzir arte devem acarretar transformações, também, na forma de “ensinar e aprender” arte. O modelo ainda vigente em muitas

escolas, baseado em conceitos carregados de valores gregos e renascentistas, ou seja, em uma ideia de arte pautada na representação do real e na expressão da beleza, precisa, portanto, ser problematizada.

Conforme mencionado no início desse documento, as ideias aqui apresentadas constituem-se em intenções para a pesquisa do projeto de mestrado, o qual ainda está em andamento, e os próximos passos objetivam analisar outras concepções de arte que também sobrevivem nas escolas e que são heranças de outros períodos históricos ou movimentos artísticos. Entende-se que, a partir de uma reflexão crítica, é possível problematizar as concepções de arte e de disciplina de arte que não dialogam mais com as demandas contemporâneas, porém, sem desconsiderar suas contribuições. Assim, é possível refletir, também, sobre o papel atual da disciplina de arte, dialogando com a visão contemporânea tanto de arte quanto de educação, por meio da qual é possível ressignificar e/ou ultrapassar conceitos antigos, trazendo outros potenciais do campo de conhecimento em pauta para as salas de aula.

REFERÊNCIAS

DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza: a estética e o conceito de arte**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ECO, Umberto. **História da Feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de estética: o belo na arte**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

INSTALAÇÃO. Definição. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3648/instalacao>>. Acesso em: 20 de fev. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias. **Não sei desenhar**. Implicações do Desvelar/Ampliar do Desenho na Adolescência – uma pesquisa com adolescentes em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

PORTAL MEC. **Pibid**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

READY-MADE. Definição. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>>. Acesso em: 20 de fev. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. **Convite à Estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.